

Economia

O dilema nas contas externas

■ Plano Real e crescimento econômico são temas do fórum que reúne no BNDES, no Rio, ministros, economistas e políticos

SONIA JOIA

O buraco nas contas externas, alimentado por saltos crescentes nas importações, é o grande desafio do Plano Real e o maior obstáculo ao crescimento econômico do país. Esse foi o tema que causou polêmica no IX Fórum Nacional, aberto ontem no Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES). O painel Plano Real e Crescimento reuniu ministros, secretários de governo, economistas, políticos e acadêmicos. O Fórum é organizado pelo ex-ministro João Paulo dos Reis Velloso.

O ex-presidente do Banco Central (BC) Affonso Celso Pastore foi o crítico mais ácido: "O governo não pode conter as importações desvalorizando o real, nem voltando atrás na abertura comercial, nem desaquecendo uma economia que já está desacelerada. Tem que aceitar os déficits e financiá-los. Para isso, precisa de capitais de curto prazo, sim, como é comprovado pelo fim da política de queda nas taxas de juros. Com juros altos, a taxa de investimento continuará baixa. Esta é a armadilha do Plano Real: submeter a economia a um baixo crescimento". Pelos cálculos de Pastore, o país precisa captar cerca de US\$ 2 bilhões ao mês em capital de curto prazo.

Suposição — Já o ex-presidente do BNDES e um dos pais do Real, o economista Edmar Bacha, mostrou-se mais otimista: "Mesmo supondo que tudo dê mais ou menos errado, ainda assim há dinheiro suficiente para cobrir os dois déficits — comercial e de contas correntes. Os dólares que entrarão com as privatizações serão mais que suficientes para cobrir os déficits até o ano 2000. O país não depende de capitais de curto prazo".

Bacha estima em US\$ 68,2 bilhões o total arrecadado pelos governos federal e estaduais, sendo US\$ 55,7 bilhões nos próximos três anos (até 1999). Metade viria do exterior. Além disso, entrariam no país cerca de US\$ 6 bilhões ao ano em investimento direto e o mesmo valor em aplicações nas bolsas de valores. Os empréstimos de longo prazo, que chegaram a US\$ 17,1 bilhões em 1996, são projetados em torno de US\$ 16 bilhões até 1999.

Essa entrada de dólares cobria os dois déficits. O buraco na balança comercial (importações

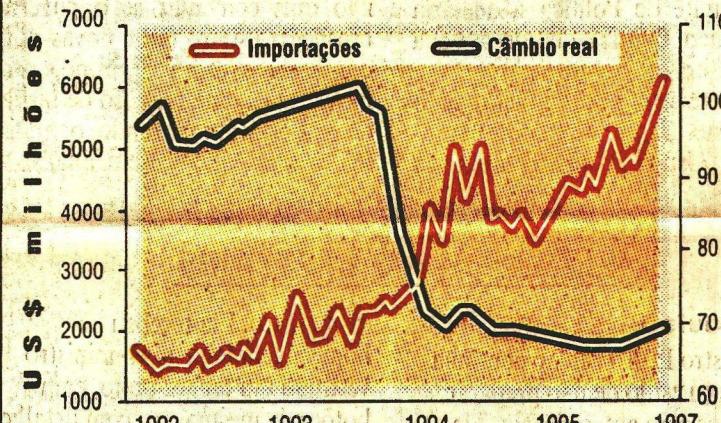


Evandro Teixeira

No IX Fórum, o déficit nas contas externas opõe o ex-presidente do BC Affonso Celso Pastore ao ex-presidente do BNDES Edmar Bacha

OS NÚMEROS DO DEBATE

CÂMBIO REAL E IMPORTAÇÕES (1992 - 1997)



VENDA DAS ESTATAIS

TOTAL (1997 A 1999)

US\$ 55,7 bilhões

Governo federal

US\$ 42,3 bilhões

Governo estadual

US\$ 13,4 bilhões

Fonte: Edmar Bacha

CONTAS SELECIONADAS

Balanço de pagamento (em US\$ bilhões)

	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	Jan./Abr.
Balança comercial	10,7	10,6	15,2	13,3	10,4	-3,4	-5,5	-0,3	-4,0
Serviços	-15,4	-13,5	-11,3	-15,6	-14,7	-18,6	-21,7	-6,0	-7,5
Transferências	0,8	1,6	2,2	1,7	2,6	4,0	2,9	1,1	0,8
Total das contas correntes	-3,8	-1,4	6,1	-0,6	-1,7	-18,0	-24,3	-5,2	-10,7

BALANÇO EM CONTA CORRENTE (% PIB)

	1993	1994	1995	1996*	1997*
Austrália	-3,6	-5,1	-5,3	-4,1	-3,9
Nova Zelândia	-1,2	-4,3	-4,3	-5,0	-4,8
Argentina	-3,1	-3,7	-1,4	-2,2	-2,7
Brasil	-0,2	-0,3	-2,6	-3,2	-4,5/-5,0
Camarões	-5,9	-5,6	-1,4	-1,6	-0,9
Chile	-4,5	-1,2	0,2	-3,8	-3,8
Costa do Marfim	-11,0	-1,2	-4,2	-5,5	-4,9
Malásia	-4,6	-5,9	-8,3	-8,2	-6,9
Arábia Saudita	-14,6	-7,5	-4,4	2,0	-0,4
Hungria	-9,0	-9,4	-5,6	-4,0	-3,3

*Estimativa / Fonte: Affonso Celso Pastore

versus exportações) chegará, segundo suas projeções, a US\$ 12 bilhões este ano, US\$ 13,4 bilhões em 1998 e US\$ 14,5 bilhões em 1999. O segundo déficit, na conta corrente (resultado de comércio somado aos pagamentos de juros da dívida externa, partes do principal, fretes, seguros e viagens ao exterior), que foi de US\$ 24,3 bilhões em 1996, deve saltar para US\$ 33,1 bilhões este ano, US\$ 36,9 bilhões em 1997 e US\$ 38 bilhões em 1998.

Falso — Nas contas de Pastore, o déficit na balança comercial pode chegar a US\$ 15 bilhões este ano. As importações já saltaram de US\$ 20,5 bilhões em 1992 para US\$ 53,2 bilhões em 1996, com um crescimento médio de 17% ao ano. O argumento do governo de que as importações que mais crescem são as de máquinas e equipamentos para a modernização industrial — o que impulsionaria as exportações no futuro — foi considerado falso pelo economista.

"Não é verdade que o que crescem são as importações de bens de capital (máquinas e equipamentos). O Brasil está importando de tudo. No aumento de cerca de US\$ 33 bilhões no período, US\$ 11 bilhões foram em bens de capital, US\$ 11 bilhões em matérias-primas e US\$ 11 bilhões em bens de consumo, automóveis e combustíveis", ressaltou.

Para o ministro da Fazenda, Pedro Malan, "não existe nenhuma incompatibilidade básica entre crescimento sustentado e estabilização da economia. Muitos países do mundo têm déficits em conta corrente bem mais elevados que o brasileiro". O ministro também apontou os investimentos diretos no país como sinal de que o buraco nas contas externas é financiável. Em 1996, os investimentos diretos totalizaram US\$ 9,4 bilhões, contra US\$ 3,9 bilhões no ano anterior. Nos últimos 12 meses, até abril, esse número já saltou para US\$ 12 bilhões, segundo Malan.

Pastore questionou Malan, lembrando que os países com déficits elevados em conta corrente e sem problemas conseguem ter altas taxas de investimento, como a Austrália. "A Tailândia estava nesta lista até a semana passada", ironizou Pastore.

O debate continua na página 14